

DRÁCULA: MITOS, METÁFORAS E REALIDADE - A SOCIEDADE OITOCENTISTA PELOS OLHOS DE BRAM STOKER

RUIZ, Lucila Della Valle, 2238606

(Bacharelada em História no Centro Universitário Internacional UNINTER)

BONFIM, Lucília Maria Goulart de Andrade (orientadora)

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo uma análise geral do século XIX como momento de mudanças que acabariam por ser definitivas e definidoras da sociedade atual, que a partir da revolução dual, Industrial e Francesa, seria indissolúvel. Foi utilizado como fonte principal do período os estudos aprofundados pelo historiador Eric Hobsbawm. Traz uma reflexão sobre o absurdo que parece a crença em algo sobrenatural numa era científica, ao mesmo tempo que nos mostra a determinação das personagens em eliminar aquilo que parece absurdo em função do bem e do instinto maior: salvar vidas. Aponta brevemente também alguns conceitos e ideias relacionados a mitos e culturas, permeados pelos estudos antropológicos realizados por Claude Lévi-Strauss. Por fim, apresenta uma análise da sociedade oitocentista finissecular sob um ponto de vista que permeia as experiências pessoais do escritor como homem e estrangeiro, a partir da obra Drácula de Bram Stoker, utilizando a mesma como fonte.

Palavras - chave: Drácula. Século XIX. Mito vampiro. Sociedade oitocentista. Bram Stoker.

1. INTRODUÇÃO

Uma das partes mais bonitas de ler um livro talvez seja a ideia de se colocar dentro da história, fazer parte mesmo que como observador, sentir as alegrias e os medos das personagens, imaginar os lugares descritos, os cheiros etc. Quantas vezes nos perdemos dentro de um livro durante horas e somente quando somos puxados de volta à realidade é que percebemos o tempo passado? Sob um olhar mais atento, pode-se extrair de um texto ficcional muito sobre a época em que foi escrito, sobre o autor, seus sentimentos com relação ao mundo em que vivia, seus amores e seus temores. Drácula é uma dessas histórias que, para além dos simbolismos da obra, nos transporta para a Europa *fin-de-siècle* e nos faz imaginar e vivenciar com riqueza de detalhes, mesmo que sem intenção, o dia a dia vitoriano. A história é contada

através de cartas, telegramas, diários escritos e gravados e recortes de jornais. O que por si próprio, já poderia ser visto como uma profusão de fontes historiográficas.

Nas intersecções entre a História e a Literatura muitas discussões já foram geradas ao longo dos tempos, se a obra literária é fiel, se a História é ficcional, se devemos ou não confiar em uma como base da outra. No sentido em que o mundo é refletido através dos indivíduos que fazem parte dele, não poderia deixar de conter verdades históricas em uma escrita literária, tanto as verdades do autor, que mesmo sem perceber, descreve o que vê e a maneira como interpreta seu mundo, quanto as do leitor, com sua visão sobre seu mundo, sobre o mundo que lê e sua interpretação sobre os dois. As influências do mundo em que vivemos são muitas, desde o agora até o que foi vivido por nossos pais e avós e nos foi transmitido através de histórias e valores. Esse conjunto de informações forma a maneira como um indivíduo vê o mundo e como o descreve, e para além disso, como compreende e interpreta o mundo do outro. Como Pesavento (2003) diz:

O texto, bem o sabemos, tem também uma vida própria, independente dos desejos do escritor, seja ele de História ou Literatura. No mundo do leitor, este texto adquire novos sentidos, imprevistos em sua feitura, para além da linguagem metafórica da literatura que aponta para dizer outras coisas para além do que é dito. Neste potencial metafórico e alegórico ampliado, mesmo o texto de História, que se encontra aprisionado ao fato acontecido, alça voo para novos mundos, é capaz de induzir imediatas reinterpretações e realizar viagens intertextuais. A leitura, como disse Chartier, é *rebelde e vagabunda*, e se reatualiza sempre em sentidos, ao longo do tempo e das gerações.

E nessas idas e vindas, entre as fronteiras históricas e literárias, é que o presente trabalho se baseia. Mais que a busca por simbolismos, que são muitos, o entendimento de uma época vista pelos olhos de um dos principais escritores de seu tempo nos transporta não só para a própria narrativa vampiresca e assustadora do fim do século XIX, mas nos leva para a Inglaterra vitoriana, para uma Europa modernizada, com meios de comunicação funcionais e viagens estrangeiras inesperadas e que após um século com tantas transformações e invenções, não poderia deixar de influenciar as vidas desse tempo e de outros futuros.

Muitas histórias e muitos personagens foram escritos e consagrados ao longo do tempo. Muitos, baseados em mitos e lendas que, além do caráter antropológico, se relacionam diretamente com a época e a cultura em que foram criados. Utilizando como fonte primária a obra *Drácula*, de Bram Stoker (1847-1912), a intenção desta pesquisa é apontar os paralelos encontrados na obra com a sociedade da época e do

espaço em que foi escrito e que descreve, buscando relacionar a criatura do vampiro como metáfora para as questões sociais, culturais e políticas do século XIX, a fim de compreender a sociedade oitocentista em seu momento histórico, seus simbolismos, seus medos e seus anseios. Afinal, qual a relação do monstro com a sociedade europeia do final do século XIX?

2. SOCIEDADE

Quando falamos sobre o século XIX colocamos em pauta o que pode ter sido o período com maiores mudanças e inovações da nossa era. Claro que não podemos desconsiderar todo o avanço tecnológico ocorrido no século XX, mas o ponto de partida de tudo isso pode ser encontrado um bom tempo antes, no final do século XVIII, e desenvolvido no XIX. As revoluções Industrial e Francesa abriram espaço para mudanças estruturais na sociedade europeia e repercutiram ao redor do globo nos anos e séculos seguintes. A partir das análises de Eric Hobsbawm (1917 - 2012) que divide o século XIX em três partes, a era das revoluções, que vai de 1789 a 1848, a era do capital, de 1848 a 1875 e a era dos impérios, que cobre de 1875 a 1914, podemos ter um panorama geral dos principais acontecimentos do chamado longo século XIX.

Com uma análise estruturada em diversos elementos, desde guerra e paz até ciência, ideologias e artes, Hobsbawm nos dá uma ampla visão do que foi o começo do século. O historiador se referiu ao período da seguinte maneira:

Foi uma era de superlativos. [...] A ciência nunca fora tão vitoriosa; o conhecimento nunca fora tão difundido. Mais de 4.000 jornais informavam os cidadãos do mundo. [...] A lâmpada de Argand (1782-1784) acabava de revolucionar a iluminação artificial - foi o primeiro avanço de importância desde a lâmpada a óleo - quando os gigantescos laboratórios conhecidos como fábricas de gás, enviando seus produtos ao longo de intermináveis tubos subterrâneos, começaram a iluminar as fábricas e logo depois as cidades da Europa: Londres, a partir de 1807; Dublin, a partir de 1818; Paris, a partir de 1819, e até mesmo a remota Sydney, em 1841. [...] Quarenta e oito milhões de passageiros utilizaram as ferrovias do Reino Unido em um único ano (1845). Homens e mulheres já podiam ser transportados ao longo de 3.000 milhas de via férrea na Grã-Bretanha(1846) - e antes de 1850, mais de 6.000 - e ao longo de 9.000 milhas nos Estados Unidos. Serviços regulares de navio a vapor já ligavam a Europa com a América e com as Índias. (HOBSBAWM, 2019, p.455-457)

Não podemos cair em anacronismos ao comparar com os crescimentos atuais da tecnologia achando que essa mudança foi insignificante, devemos sempre ter em

mente que todas essas mudanças ocorreram há cerca de 200 anos, em um mundo que saía de relações feudais para a tecnologia, para as revoluções sociais e industriais. Um mundo em mudança. Uma mudança que nunca mais deixou de acontecer, constante desde então. Essas mudanças percorriam os Estados, as cidades, as pessoas, os corações.

Em meio a tantas coisas acontecendo, duas novas classes surgiam e cresciam: a burguesia e o proletariado. Porém, enquanto uma ganhava força e dinheiro, a outra morria de fome, com trabalhos que exigiam muito e pagavam pouco. Mas ao longo do século muitas coisas ganhariam e perderiam força. A que mais ganhava era a liberdade de pensamento e de ação por parte das pessoas comuns. "O grande despertar da Revolução Francesa lhes ensinara que os homens comuns não necessitavam sofrer injustiças e se calar: '[...] o povo pensava que os reis eram deuses sobre a terra [...] Através desta atual mudança, é mais difícil governar o povo.'"(HOBSBAWM, 2019, p.467)

Essa nova visão de mundo afetou toda a sociedade em diversos níveis, mas mais importante que isso, afetou todas as relações sociais daquele momento em diante. O povo não se subjugava mais aos caprichos dos governantes, pois percebia que era capaz de muito e de qualquer coisa. Um dos resultados dessa mudança no povo em geral, foi a chamada Primavera dos Povos, que foi uma série de levantes em toda a Europa contra os regimes da época.

Em poucas semanas, nenhum governo ficou de pé em uma área da Europa que hoje é ocupada completa ou parcialmente por dez Estados, sem contar as repercussões menores em um bom número de outros.[...] foi a primeira revolução potencialmente global [...]. Não fosse sua ocorrência e o medo de sua recorrência, a história da Europa nos 25 anos seguintes teria sido muito diferente.(HOBSBAWM, 2019, p32-33)

Esse prelúdio revolucionário do meio do século foi tão extraordinário acontecimento que tirou do eixo um continente inteiro, gerando medo nos governantes a ponto de reconstruírem cidades inteiras de maneira a evitar multidões e caso fosse impossível, poder contê-las, como foi o caso de Paris, palco das maiores revoluções do período.

O momento que se seguiu, chamado por Hobsbawm de era do capital, foi um período de crescimento intenso, sem paralelos, principalmente de cunho econômico. O capitalismo se tornou um nome conhecido e profundamente criticado por Karl Marx (1818-1883), que também ficou conhecido no período, em associação com o

socialismo. O triunfo do capitalismo porém foi o maior marco do meio do século e suas décadas subsequentes. A burguesia se fortaleceu como classe, ao mesmo tempo em que as ideologias políticas entravam em debates mais acirrados, pois democracia ainda era um medo das classes mais altas que a associavam ao socialismo. As migrações dentro e fora dos países e continentes, aumentaram substancialmente nesse período. Os jovens almejavam condições de vida melhores e mesmo a América, outrora vista como uma colônia sem futuro, parecia a melhor das opções de destino.

O crescimento econômico também não foi contido pelas fronteiras físicas entre países e continentes, foi global, ainda que não na mesma proporção em todos os lugares. Ainda hoje existem países que não entraram na era industrial, o próprio Brasil só entrou nessa fase no começo do século XX. Mas de forma geral, o triunfo burguês aconteceu, mesmo que tendo sido temporário. Porém, a década de 1870 mostraria que nem tudo duraria para sempre. Para Hobsbawm (2019, p.26-27) "se alguma data fosse escolhida, essa data seria 1873, o equivalente vitoriano à quebra de Wall Street em 1929."

Mas mesmo com a chamada Grande Depressão, o mundo burguês continuou sendo o mundo burguês, com suas casas de subúrbio ajardinadas, suas compras exageradas e sua forma de mostrar aos outros a que lugar pertenciam. Enquanto isso as classes mais altas da sociedade eram estáveis e muito além do que a burguesia considerava 'ser rico'. No outro extremo, as classes mais pobres continuavam pobres, com alguns poucos conseguindo até chegar à classe média baixa, mas em geral, não havia muita possibilidade ou esperança de crescimento. Mesmo à luz de tantas mudanças, a sociedade não mudou nesse sentido.

Em outro sentido, a ciência cresceu exponencialmente nesse século, as ciências humanas e sociais principalmente, mas o que era visto como evolução de um lado, do outro era usado como forma de subjugar o que era considerado menos evoluído, no caso, outras pessoas. Essa visão evolucionista proporcionou aos grandes Estados o arcabouço científico necessário, ainda que erroneamente, para justificar o imperialismo e o domínio sobre os outros povos. Isso custaria caro ao planeta não muito tempo depois.

"Mais que qualquer outra, a Era dos Impérios exige desmistificação precisamente porque nós - inclusive os historiadores - não vivemos mais nela, mas não sabemos quanto dela ainda vive em nós"(HOBSBAWM, 2020, p19) Com essa constatação podemos falar sobre o fim do século e o prelúdio da Primeira Guerra

Mundial, que certamente mudou de forma definitiva a maneira como o próprio ser humano pode ser visto e analisado. Claro que um período tão mais próximo do atual talvez faça mais sentido ou seja mais claro, com outras fontes de pesquisa e memória utilizadas além das que já eram aceitas anteriormente, pois mesmo a historiografia já embarcava em nova era. Não obstante disso, o fim do século XIX pode ser visto como "uma era em que as lembranças das classes alta e média tenderam a ver através de uma névoa dourada: a assim chamada belle époque"(HOBSBAWM, 2020, p.21)

A burguesia nesse momento, após a Grande Depressão, estava confiante de que nada poderia abalar seu mundo. Acreditava viver uma fase plena, demonstrada através dos teatros, do recém criado cinema, das artes e da crescente literatura, que através do crescimento editorial, se tornava uma cultura de massa. Esse imaginário, além de servir de pano de fundo para inúmeros trabalhos envolvendo simbolismos através de personagens, nos é apresentado durante todo o século.

Mas para além das questões simbólicas, nos resta uma última análise: que tipo de sociedade, incluindo todas as camadas e classes, gestou uma guerra sem precedentes históricos, que viria a mudar o mundo de tal forma que mesmo os avanços ocorridos em todos os campos citados até aqui e outros mais, durante mais de 100 anos, seriam de certa maneira esquecidos e se tornado irrelevantes? O quanto o homem alterou seu modo de pensar e viver em função de um novo modelo econômico, utilizado até hoje, a ponto de fazer valer o capital acima da vida? Não nos cabe aqui dar uma resposta nem dizer o que seria ou será melhor em termos de regimes econômicos ou sociais. Mas a nível de reflexão, o mundo mudou de tal forma a partir do século XIX que até hoje suas mudanças nos acompanham, nos influenciam e de certa forma ditam as regras da sociedade em que vivemos. No que tange à História, apesar de conhecermos o que passou, não podemos senão aprendendo com ela, evitar cometer os mesmos erros. Mas de certa forma, não estamos constantemente repetindo passados que nos pareciam tão remotos o tempo todo?

Todas essas questões foram e são vistas por parcelas da sociedade que se integram no mundo das artes, de todas as camadas, talvez por serem mais sensíveis. Não diferente disso, o autor da obra que é objeto central deste estudo, também viu sua sociedade com um certo olhar que por vezes e por inúmeros estudiosos, foi analisado. Essa breve introdução ao século XIX se faz necessária a fim de compreendermos o mundo em que nasceu, viveu e cresceu Bram Stoker. Como já comentado, o mundo tem influência sobre nossos atos, hábitos e valores e mesmo

que sem perceber diretamente, o mundo de nossos pais e antepassados também, pois seus valores nos são transportados através da educação que recebemos ao longo da vida, principalmente na primeira infância. Nesse sentido, podemos dizer que Bram Stoker viveu em um mundo de transformações, tais quanto as que seu monstro, em Drácula, viu durante os séculos que viveu quanto as que deseja realizar nas personagens femininas e nos outros, se necessário.

2.1 MITO

Muitas vezes quando pensamos em mitos pensamos em contos com seres que não existem, em religiões que pregam o que nos parece absurdo de acordo com a crença que temos ou até mesmo pessoas que parecem ser enviados divinos para resolver algum problema com um passe de mágica. Outras vezes os mitos nos remetem ao folclore que estudamos durante a educação básica ou às soluções milagrosas para problemas do dia a dia. No dicionário Michaelis as definições de mito são as seguintes: 1 - História fantástica de transmissão oral, cujos protagonistas são deuses, semideuses, seres sobrenaturais e heróis que representam simbolicamente fenômenos da natureza, fatos históricos ou aspectos da condição humana; fábula, lenda, mitologia. 2 - Interpretação ingênua e simplificada do mundo e de sua origem. 3 - Relato que, sob forma alegórica, deixa entrever um fato natural, histórico ou filosófico. 4 - FIG Uma pessoa ou um fato cuja existência, presente na imaginação das pessoas, não pode ser comprovada; ficção. 5 - FIG Um fato considerado inexplicável ou inconcebível; enigma.

Partindo desse ponto de vista, podemos pensar nos mitos, pobremente falando, como pedaços de culturas, maneiras que determinadas sociedades encontraram para explicar determinados acontecimentos ou até eventos da natureza. A definição de cultura pode ser compreendida de diversas formas, mas levando-se em conta o conteúdo aqui analisado, consideremos a cultura a partir de uma das definições do dicionário Michaelis: 7 - ANTROP Conjunto de conhecimentos, costumes, crenças, padrões de comportamento, adquiridos e transmitidos socialmente, que caracterizam um grupo social. Nesse sentido, podemos compreender que toda história passada oralmente, sem fundamentação histórica ou científica comprovada, de geração em geração, pode ser considerada mito, de um determinado ponto de vista. Do ponto de

vista antropológico, Claude Lévi-Strauss (1908-2009) disse em uma palestra em 1977 o seguinte:

Às vezes os antropólogos recolheram mitos que se assemelham mais ou menos a fragmentos e remendos, se assim posso me exprimir. Trata-se de histórias desconexas, que se seguem umas às outras sem qualquer tipo de relacionamento evidente entre si. Outras vezes, como na região dos Vaupés, na Colômbia, encontram-se histórias mitológicas muito coerentes, todas divididas em capítulos, que se seguem uns aos outros numa ordem muito lógica. (LÉVI-STRAUSS, 2020, p.49)

Não são recentes as histórias envolvendo seres sobrenaturais, como vampiros, lobisomens, bruxas, entre outros. Praticamente em todas as culturas existem oralidades sobre esses seres vistos como imortais, maléficos, agourentos. Provavelmente, em cada uma das histórias contadas sobre esses monstros, existe uma explicação lógica, pois muito mais que contos assustadores, em geral essas histórias foram criadas para explicar algum fenômeno que não pôde ser explicado dentro da racionalidade permitida na época. Seja para evitar que crianças rondassem a noite fora de suas casas ou cabanas, seja para explicar doenças, assassinatos cometidos e todo tipo de malefícios que podem ter acontecido durante os séculos passados.

Assim, chegamos a uma pergunta decisiva: que significado têm essas histórias recolhidas? Podem significar duas coisas diferentes. Podem significar, por exemplo, que a ordem coerente, como uma espécie de saga, é a condição primitiva, e, sempre que se encontrem mitos em elementos desconexos, há de tratar-se do resultado de um processo de deterioração e desorganização; neste caso, apenas se encontram elementos dispersos do que anteriormente foi um todo significante. Pode-se também apresentar a hipótese de um estado desconexo e arcaico, e que os mitos foram reunidos e postos em ordem por alguns nativos sabedores e filósofos, que nem sempre aparecem em toda a parte mas apenas em determinado tipo de sociedade. (LÉVI-STRAUSS, 2020, p.49-50)

Mas o que leva uma sociedade considerada moderna e racional, a acreditar em tais monstros? Talvez a resposta seja mais simples do que parece. Como seres humanos, apesar de considerados racionais, o instinto de preservação da vida talvez seja o mais forte que temos. Sendo assim, ao nos depararmos com coisas inexplicáveis, esse instinto talvez entre em ação e nos faça crer para sobreviver, mesmo que pareça absurdo.

A obra aqui analisada nos traz uma reflexão sobre isso, sobre o absurdo que parece a crença em algo sobrenatural numa era científica, ao mesmo tempo que nos mostra a determinação dos personagens em eliminar aquilo que parece absurdo em

função do bem e do instinto maior: salvar vidas. Através de um diálogo que acontece antes de começarem a caçada ao personagem em questão, Conde Drácula, o professor Van Helsing¹ toma a frente do grupo:

Só podemos guiar por tradições e superstições[...]. Mas isso deve satisfazer, primeiro por que é que tem ao alcance e segundo por que tradição e superstição são grande valia nesse caso. A própria crença em vampiros não parece supersticiosa aos olhos do mundo? [...] Mas, um ano atrás, algum de nós aceita possibilidade, em pleno século XIX? Na era científica, cética e pragmática que vivemos? Mesmo com evidências diante de nossos narizes, custa acreditar.(Diário de Mina Harker In: STOKER, p.278)

Hoje em dia, a palavra monstro é utilizada para definir não somente seres sobrenaturais, mas também para pessoas que fogem às regras sociais convencionadas praticando atos incabíveis diversos. Mas quem pode dizer com certeza, que aos olhos de alguém, não foi monstruoso? Atitudes discriminatórias são um exemplo.

A sociedade é reflexo de seu povo, assim como um povo é reflexo de sua sociedade. Portanto, não seria o próprio ser humano o monstro que apavorava e continua apavorando as histórias de terror, disfarçadas pelos mitos assustadores, por exemplo, de vampiros?

2.2 INTERSECÇÕES

Mais de 120 anos após seu lançamento, Drácula ainda é motivo de especulações e investigações por parte de diversas áreas do conhecimento. Não a toa, essa obra é cheia de simbolismos, metáforas e realidades doloridas da sociedade da qual surgiu e na qual foi inserida. Porém, seria impraticável essa realização sem levar em conta o que já foi descrito acima, pois como dito anteriormente, tudo está interligado de uma maneira ou de outra, através de cada indivíduo.

Partindo desse princípio, podemos observar que no final do século XIX, ainda que com as culturas de massa em pleno desenvolvimento, a maioria das pessoas que liam e que escreviam romances pertenciam às classes mais altas da sociedade. De forma generalizada, podemos dizer que a burguesia mantinha o monopólio das culturas literárias (apesar de a educação já alcançar algumas das camadas mais

¹ Importante notificar que a tradução utilizada nas transcrições das falas neutraliza alguns erros da fala do professor utilizados no original, a fim de tornar o texto mais fluido, mas ainda conta com uma linguagem que foge à norma padrão.

pobres) pois ainda eram os que tinham condições de educar seus filhos para ler e escrever. Nesse sentido, podemos dizer, com base em uma biografia básica de Bram Stoker², que ele pertencia à burguesia, tendo seu olhar de certa forma privilegiado sobre essa camada e isso se reflete na sua escrita.

Dessa forma, notamos no texto que os personagens principais pertencem à classe média ou alta, com carreiras distintas e inclusive títulos de nobreza. A jovem Lucy Westenra e sua mãe mantêm criadas e têm propriedades na cidade e no litoral. Mina Murray (ainda solteira) e Jonathan Harker são professora e advogado, respectivamente e em meados da história, após casados, recebem de herança tudo que o patrão/sócio de Jonathan possuía, ficando assim ainda mais abastados. Dr. John Seward é médico, o professor Van Helsing médico e cientista, o jovem Arthur Holmwood é herdeiro de um título de nobreza, passando a ser lorde Godalming quando seu pai vem a falecer e Quincey Morris um aventureiro muito rico. No trecho a seguir, podemos ver mais claramente essa relação quando os horários dos trens acabam ficando no caminho da caçada ao Conde:

'Infelizmente, não existem muitas rotas, e somente um trem parte amanhã' [...] 'Será que não conseguimos alugar um?', perguntou lorde Godalming. Van Helsing fez um gesto negativo com a cabeça. 'Receio que não', respondeu. 'Esta terra é muito diferente da sua e da minha. Mesmo que conseguimos trem particular, provavelmente não é tão veloz quanto nossos comuns'. (Diário do Dr. Seward In: STOKER, p. 376)

Em diversos outros momentos, Jonathan Harker descreve em seu diário pequenos e diversos subornos que precisou fazer a fim de conseguir as informações necessárias sobre as caixas trazidas da Transilvânia pelo Conde:

Aproveitando o ensejo, declarou que até o momento ainda não conseguiram saciar a sede adquirida na execução do trabalho. Obviamente, antes de partir, tomei providências para dar, de forma definitiva e adequada, um fim a tais queixas. [...] As condições de trabalho aqui não geraram sede anormal, mas valorizaram de tal maneira o serviço que fui, mais uma vez, obrigado a lidar com a consequência. [...] Como estive na casa, sabia bem do que falava, mas não comentei nada sobre o local para não encarecer os termos de nosso acordo monetário. [...] 'Olha, chefia, o senhor me tratou como rei' - havia lhe dado meia coroa - 'então estou às ordens'. (Diário de Jonathan Harker In: STOKER, p. 266, 267, 301)

² Em tradução livre: Abraham (Bram) Stoker nasceu em 8 de Novembro de 1847 em Dublin, Irlanda. [...] Ainda na universidade, ele começou a trabalhar como funcionário público. Também trabalhou de *freelancer* como jornalista e crítico de teatro.[...] Stoker e Balcombe se casaram em 4 de Dezembro de 1878. [...] Em 9 de Dezembro Stoker e sua esposa se mudaram para a Inglaterra. [...] (www.bramstoker.org)

Essas situações que demonstram a facilidade em conseguir as coisas que necessitam para resolver os problemas da caçada ao Conde acontecem com frequência no desenrolar da história, mostrando a facilidade com que as portas se abrem para quem tem dinheiro, fazendo um paralelo com a sociedade burguesa da época, assinalado inclusive pela personagem Mina: "Refleti também sobre o poder extraordinário que tem o dinheiro: como pode abrir portas, se usado de maneira justa, mas como pode ser destrutivo se usado com má intenção". (Diário de Mina Harker In: STOKER, p.393)

Ainda nesse ponto, podemos notar alguns detalhes do dia a dia das classes mais abastadas também com relação aos seus pertences, como por exemplo o fonógrafo³, invenção que revolucionou o mundo comercial da música, sendo o primeiro aparelho utilizado para gravação e que possibilitava ouvir o que fora gravado. Foi utilizado diversas vezes durante a história sendo o aparelho em que o Dr. Seward grava seus diários na maior parte das vezes, e quando Mina Harker conhece o médico e se dispõe a fazer a cópia dos diários e anotações de todos para colocar em ordem cronológica os acontecimentos, ela ouve as gravações e fica encantada com tal tecnologia:

'Seu diário?', perguntei surpresa. 'Sim', pousou a mão no fonógrafo e disse: 'registro tudo aqui'. Muito entusiasmada, não consegui me conter e exclamei: 'Mas isso é ainda melhor que taquigrafia!' [...] 'É uma máquina extraordinária, mas cruelmente honesta. Relatou-me com sua própria entonação, as profundezas de sua angústia.' (Diário de Mina Harker In: STOKER, p. 259, 261)

Personagem de maior importância, Mina Harker é uma mulher que pode ser vista com certa ambiguidade, em relação à era vitoriana tardia. Apesar de ser professora, escrever em taquigrafia e ser vista com tamanha essencialidade pelos outros na busca e destruição do inimigo que enfrentam, Mina é por vezes retratada como uma figura doce e maternal, que acolhe o marido e os amigos com tamanha devoção e carinho que somente uma mãe poderia ter. Em diversos momentos Bram Stoker nos mostra, talvez com a ambiguidade de seus próprios sentimentos em relação às mulheres, que mesmo sendo forte por suportar a situação aterrorizante que vive, ter inteligência considerada acima da média - " 'Ah, extraordinária madame Mina!

³ "Thomas Edison inventou o fonógrafo em 1877; Alexander Graham Bell, Chichester Bell e Charles Sumner Tainter desenvolveram uma versão do fonógrafo que denominaram de gramofone, patenteado em 1886. [...] Na década de 1890, o modelo de Seward, portanto, já seria obsoleto." (Notas de rodapé, Drácula, 2015, p. 96, 284, ed. Zahar)

Tem cérebro de homem, cérebro de homem prodigioso, aliado a coração de mulher'."(Diário do dr. Seward In: STOKER, p.275) - é ela quem cuida de todos, faz sentirem-se acolhidos: "Nós mulheres temos o instinto maternal que nos leva a passar por cima de determinadas convenções quando tocadas pelo desamparo alheio" (Diário de Mina Harker In: STOKER, p.269). Esse instinto maternal de proteção pode ser visto também no momento da partida de Jonathan em direção ao castelo de Drácula, no começo da história, quando a anfitriã do hotel em que está hospedado tenta convencê-lo a não ir ao castelo naquele dia:

Ela estava visivelmente aflita e tentei confortá-la, sem sucesso. Por fim, se ajoelhou e implorou para que eu não fosse; que esperasse pelo menos um ou dois dias antes de partir. [...] Acho que ela notou minha hesitação, pois pendurou o terço em volta do meu pescoço e disse: 'Faça isso por sua mãe' antes de sair do quarto. (Diário de Jonathan Harker In: STOKER, p.35)

Esse mesmo instinto porém não é visto nas outras personagens femininas da história, mesmo Lucy com sua doçura, tem uma certa fragilidade que beira o infantil, antes de ser alvo do Conde inclusive, despertando em Mina o sentimento de cuidado e proteção. Depois da morte, quando se transforma em vampira, Lucy assume as mesmas características diabólicas e lascivas descritas por Jonathan sobre as vampiras que conhece no castelo de Drácula:

As três ostentavam dentes brancos e brilhantes que reluziam feito pérolas em contraste com a escarlate lascívia de seus lábios. Havia algo nelas que me deixava desconfortável, misto de anseio e pavor mortal. Senti no meu âmago um desejo perverso e ardente de que me beijassem com aqueles lábios tão rubros.(Diário de Jonathan Harker In: STOKER, p.68)

Essa dualidade de emoções descrita pelos personagens com relação ao feminino pode ser encontrado nesse momento de mudanças no comportamento feminino finissecular, quando a chamada nova mulher surgia e reclamava seu lugar na sociedade oitocentista, até então dominada em todos os lugares pela presença masculina. A mudança no comportamento sexual, sendo vista como o maior problema, é demonstrada aqui através do incômodo desejo de Jonathan pelas figuras vampirescas.

Os homens por sua vez aparecem em sua maioria como figuras heroicas e protetoras, que a todo momento se arriscam para salvar suas damas em apuros, num clássico estereótipo dos heróis de contos de fadas.

A caracterização do *gentleman* como uma personagem heroica e corajosa é evocada ao longo do romance e demonstra a influência do 'culto da

masculinidade', manifesto ao longo do século XIX na Inglaterra vitoriana e personificado na ficção de Bram Stoker (SILVA, 2013).

Esse ideal masculino é reforçado na ideia de que o trabalho de encontrar e eliminar seu antagonista pertence aos homens, pois a figura feminina seria facilmente perturbada com tamanha monstruosidade:

'Assim, se me permite, para alegrar bocadinho, converso com doce madame Mina. Amigo John, é alívio inenarrável saber que ela não é mais perturbada com nossas terríveis empreitadas, nem tem mais motivos para se preocupar com elas. Sua ajuda faz falta, é bem verdade, mas melhor assim'. 'Concordo plenamente', respondi resoluto, pois não queria dar motivos para mudar de ideia nesse assunto. 'É melhor a sra. Harker ficar fora disso. As coisas já estão complicadas até mesmo para nós, homens do mundo, que vivemos muitas situações difíceis. Não é lugar para mulher e, se ela continuasse envolvida, não tenho dúvidas de que, com o passar do tempo, pagaria um alto preço.' (Diário do dr. Seward In: STOKER, p.295)

De certa forma, a intenção do autor seria colocar a mulher numa posição não necessariamente frágil, mas que apesar de sua força e inteligência já citadas anteriormente, precisa ser cuidada a fim de evitar aflições, evocando mais uma vez o lugar do homem como a pessoa que deve tomar as rédeas em situações de difíceis resoluções.

Nesse sentido, o homem como chefe de família, provedor e protetor, nos remete ao patriarcado dominante à época, inclusive na figura do Conde, que de forma distorcida e violenta, também é criador e dominador da figura feminina, com relação às três vampiras do castelo, Lucy e Mina e da masculina por consequência: " 'As garotas que vocês tanto amam já são minhas. E, por elas, vocês e muitos outros também serão meus; minhas criaturas, para atender minhas ordens e ser meus chacais quando quiser me alimentar!'" (Diário do dr. Seward In: STOKER, p.342).

Para além dessa identidade patriarcal, a figura do vampiro pode ser vista como uma metáfora para os medos desta sociedade oitocentista sob diversos aspectos, tais como as revoluções sociais ou os 'ismos': o capitalismo, o socialismo, o evolucionismo, o imperialismo, o extremismo. São diversas as comparações que podem ser feitas e uma análise detalhada de cada uma delas infelizmente não é possível de ser feita aqui, porém nos cabe analisar um ponto de vista: o papel do vampiro como figura representante do pensamento limitado, considerado por vezes primitivo, que nega a razão e a religião, agindo puramente com o instinto de sobrevivência. Vemos isso na sua morte e extinção, por exemplo, que só se dá quando tem o coração atravessado por estaca ou lâmina, representando as emoções e a

cabeça cortada, simbolizando a razão. Além disso, a hóstia sagrada, a imagem do crucifixo e as flores de alho o repelem e enfraquecem, juntamente com a luz do sol e a água corrente, elementos que simbolizam a religião, a espiritualidade.

Nesse sentido, a imagem de Drácula nos remete ao lado mais animalesco do ser humano, primitivo, movido por puro instinto de sobrevivência, sem noções de moral ou ética, focado apenas em se alimentar e reproduzir, aqui representado pelo sangue, tanto como alimento quanto veneno que transforma o outro em seu igual, gerando e aumentando assim sua prole.

Essa representação monstruosa do ser nos transmite diretamente os temores de uma época que via o crescimento da degradação humana acompanhar o crescimento da cidade. "O entusiasmo do período não conseguia disfarçar o fato de que a *Belle Époque* abrigava, no seu interior e com a mesma intensidade que o progresso tecnológico e as experimentações artísticas, diversos problemas sociais." (GRUNER, 2019, p.226).

Muitos desses problemas eram causados pela dualidade pobreza/burguesia, que acompanhava o século há muito. Outros eram vistos como problemas de imigração, de regiões orientais principalmente, consideradas pelas teorias evolucionistas como inferiores, visão abordada pelo autor durante a viagem de Jonathan ao castelo:

Parece que quanto mais ao Oriente, menos pontuais são os trens. Fico me perguntando: como deve ser na China? [...] Alguns eram parecidos com os camponeses ingleses, [...] outros, bastante pitorescos. As mulheres pareciam bonitas, mas só de longe. [...] As figuras mais esquisitas que avistamos foram os eslovacos, mais bárbaros que os demais, [...] Em uma peça teatral, seriam imediatamente identificados como a velha corja de bandidos orientais. (Diário de Jonathan Harker In: STOKER, p.33)

Enquanto isso, o personagem Quincey Morris, americano do Texas, é uma das figuras heroicas retratadas na obra: "É muito bem-educado e tem excelentes modos." (Carta de Lucy Westenra para Mina Murray In: STOKER, p. 90), mas seus atributos não são suficientes para que pudesse superar esse estigma de estrangeiro, deixando como suas últimas palavras: "É o fim da maldição!" (Diário de Mina Harker In: STOKER, p. 416). Dessa forma, Stoker nos remete ao sentimento de que mesmo sendo um bom homem, com um bom coração e disposto a dar a vida para salvar a quem se tem em alta estima, apenas o europeu ocidental prevalece.

Essa dualidade de sentimentos em relação ao outro de outra terra, nos remete às próprias experiências vividas por Bram Stoker, pois além das viagens que fez para

pesquisa e mesmo para seu trabalho no teatro, sua experiência pessoal como estrangeiro lhe deu uma visão privilegiada sobre o assunto, pois apesar de fazer parte de uma camada social mais alta, era estrangeiro em terras inglesas.

3. METODOLOGIA

De cunho estritamente bibliográfico, e tendo como base a obra *Drácula*, de Bram Stoker, esse estudo apresenta uma análise da literatura como fonte histórica, privilegiando o olhar do autor sobre questões sociais experimentadas ao longo de sua vida e expressadas em sua escrita. Foram utilizadas três traduções da obra original, a fim de comparação, mas apenas uma nas transcrições.

Como meio de compreensão da totalidade do século XIX e seus principais processos históricos, foi consultada a extensa obra de Eric Hobsbawm sobre o período. Foi privilegiado um meio de pesquisa qualitativo, na tentativa de diminuir o uso de fontes em termos quantidade a fim de maior aprofundamento sobre o assunto na visão de um único autor. Outros porém foram consultados. A mesma intenção se aplica aos estudos antropológicos.

Em relação aos estudos sobre *Drácula*, a pesquisa foi baseada em outros estudos feitos por diversas fontes, inclusive nas encontradas nos apêndices das versões da obra utilizadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando olhamos para o século XIX sob um aspecto de entendimento mais que de julgamento, percebemos a importância desse momento tão rico e tão delicado da história das relações humanas. Foram tantos acontecimentos, tantas mudanças, que não daria para colocar em um único trabalho, seria diminuir substancialmente sua essência e valor. Não à toa existem tantos trabalhos sobre as revoluções Francesa e Industrial e seus espólios. O mundo mudou a partir daí e não é possível voltarmos ao que era anteriormente. Foram mudanças nas estruturas não só físicas das cidades, mas nas estruturas das almas das pessoas que viveram esses períodos e os seguintes também.

Diversas obras literárias foram criadas durante todo o século e em cada uma delas é possível de enxergar toda essa ebulição, mesmo que através de monstros

criados ou de nuances do ser humano. Houveram ainda aqueles que preferiram contar a olhos nus os horrores e os amores que viviam e não devem ser desconsiderados também, pelo contrário. Essas visões históricas disfarçadas de histórias para entretenimento carregam muito do que foi e do que viveram os oitocentos.

Nesse sentido, o uso de literatura como fonte vem sendo discutido há muito tempo e nessa linha que tange o imaginário e o real podemos ver muito, se procurarmos no lugar certo. Amores, horrores, crenças, preconceitos, lugares, invenções, até mesmo a linguagem utilizada nos transmitem momentos e valores históricos de uma sociedade.

A escolha da obra de Bram Stoker se deu inicialmente pelo encantamento que o mito do vampiro desencadeia nas pessoas. Como poderia um monstro causar pavor e anseio ao mesmo tempo? Como essa figura representa os sentimentos de uma sociedade a ponto de se tornar o mais famoso vampiro da literatura? Essas e outras questões ainda pendem de respostas pois mesmo após a conclusão deste estudo, muitas dúvidas surgem. A parcela de respostas que foi respondida com essa pesquisa é pequena, comparada a um todo que tem vida própria a cada interpretação dada. Foram feitas escolhas, sem as quais não seria possível focar a pesquisa, mas muito ainda pode ser revelado.

Como falado anteriormente, a análise de um texto é baseada na interpretação do leitor e seu momento de leitura, muito mais que o autor no seu momento de escrita, isso inclui a tradução também, que não diferente, depende de escolhas da parte do tradutor. Nesse sentido, talvez nunca saibamos realmente o que determinado personagem, seus atos e sentimentos simbolizam em uma história. E tudo bem. Mas a curiosidade move o mundo e, partindo desse princípio, sempre haverá outro ponto de vista para analisar e outra história para interpretar.

Drácula é sem dúvidas um divisor de águas no mundo da literatura. Mesmo não tendo sido o primeiro vampiro, certamente é o mais conhecido, o mais inspirador e possivelmente o mais assustador, causando calafrios ao se ouvir o bater de asas de morcegos.

REFERÊNCIAS

Dicionário **Michaelis.** Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=cultura>, Acessado em 27/01/2021.

Dicionário **Michaelis.** Disponível em
<<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=mito>>, Acessado em
27/01/2021.

GRUNER, Clóvis. **História, economia, política e cultura no século XIX.** 1ª edição, Curitiba, Intersaberes, 2019.

HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções: 1789-1848.** 42ª edição, Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2019.

HOBBSAWM, Eric. **A era do capital: 1848-1875.** 29ª edição, Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2019.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios: 1875-1914.** 28ª edição, Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2020.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado.** Lisboa, Edições 70, 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **História da Educação, ASPHE/FaE/UFPEL**, Pelotas, n. 14, p.31-45, set. 2003.

SILVA, Evander Ruthieri da. "My honour as a gentleman": masculinidades em Drácula(1897), de Bram Stoker. **XXVII Simpósio Nacional de História, ANPUH**, Natal - RN, 22 a 26 de julho 2013.

STOKER, Bram. **Drácula.** First Edition, Rio de Janeiro, DarkSide Books, 2018.

STOKER, Bram. **Drácula:** edição comentada. 1ª edição, Rio de Janeiro, Zahar, 2015.